



ALICE VIEIRA
JORNALISTA E ESCRITORA

JANELA DA ALICE

D. ROSA À JANELA

vê que eu já tinha posto o pisca há uma data de tempo? Anda a dormir na forma?», os autocarros parados no meio da bicha que não andava nem desandava, as pessoas a deitarem contas à vida, «Por este andar, quando chegar a casa já a telenovela vai a meio, e lá fico eu sem saber quem é que matou o António!»

D. Rosa não largava o seu posto.

D. Rosa tinha o cabelo todo branco. E muitas rugas na cara.

D. Rosa tinha sempre vivido numa aldeia perdida entre montanhas lá para Trás-os-Montes. Uma aldeia onde todos se conheciam, onde todos diziam «Bom dia» ou «Boa tarde» quando se encontravam na rua e, quando alguém adoecia, todos davam pela sua falta, e perguntavam se estava melhor, e se ia ficar bem rapidamente. E quando alguém morria todos ficavam tristes, porque lá na aldeia, como se dizia numa velha cantiga, «todos eram primos e primas». Era como se cada pessoa per-

tenesse um bocadinho a todas as pessoas da aldeia.

Lá na aldeia D. Rosa namorou, casou, teve filhos, enviuvou, ficou sozinha.

Os filhos foram deixando a aldeia e D. Rosa ia lentamente envelhecendo entre os cheiros a lúcia-lima e a hortelã que vinham do seu quintal.

sim não ando tão preocupada como andava, a pensar que ela podia adoecer, partir uma perna, sei lá, e ficar para lá sozinha sem ninguém para lhe acudir.»

Eu também achava que ela tinha razão, mas às vezes olhava para D. Rosa e tinha pena.

D. Rosa sentia a falta da sua aldeia como



Receando pela sua pouca saúde e muita idade, a filha mais velha resolvera trazê-la para Lisboa.

«Estou muito mais descansada» – dizia-me nas tardes em que nos encontrávamos para relembrar tempos de escola, beber chá de maçã e canela (no Inverno) ou de hortelã com gelo (no Verão) – «as-

de uma pessoa de quem gostasse muito e de quem tivesse sido separada à força.

Além do mais, D. Rosa nunca tinha vindo à cidade. Estava agora pela primeira vez no meio de um mundo completamente diferente, que ela desconhecera por completo, e onde tudo lhe escapava. Um mundo onde ninguém se conhecia, onde nin-



guém dizia «Bom dia» ou «Boa tarde», onde o perfume da lúcia-lima e da hortelã era substituído pelo cheiro dos detergentes que, nas embalagens prometiam aromas de pinheiro e alfazema, mas que cheiravam todos ao mesmo, ou seja, a coisa nenhuma.

Por isso D. Rosa não largava a sua janela. Lembro-me de que, nas tardes em que eu chegava, já ela lá estava, a respiração a embaciar um pouco os vidros. E lá continuava quando eu saía, a abanar ligeiramente a cabeça, e naquela sua murmurada cantilena que não acabava mais, mexendo os lábios num murmúrio que ninguém conseguia perceber.

- A mãe quer alguma coisa? – perguntou-lhe a filha, uma tarde.

Mas D. Rosa parecia nem a ouvir. D. Rosa

encostava-se à sua janela, olhava o movimento da rua e era como se nós não existíssemos, como se tudo se resumisse àquela janela e àquele mundo louco lá por fora.

- Diga lá, mãe, o que é que quer? – insistiu a filha nessa tarde.

Só no fim de muito olhar lá para fora, para toda aquela gente que corria, que entrava e saía das casas, que entrava e saía dos autocarros, que aparecia e desaparecia às janelas dos prédios, é que D. Rosa, numa voz carregada de espanto, deixou sair cá para fora o que tanto a preocupava:

- Minha Nossa Senhora! Como é que o padeiro desta terra pode fazer papo-secos para esta gente toda?!

E durante esse dia D. Rosa não saiu da janela, e não disse nem mais uma palavra.